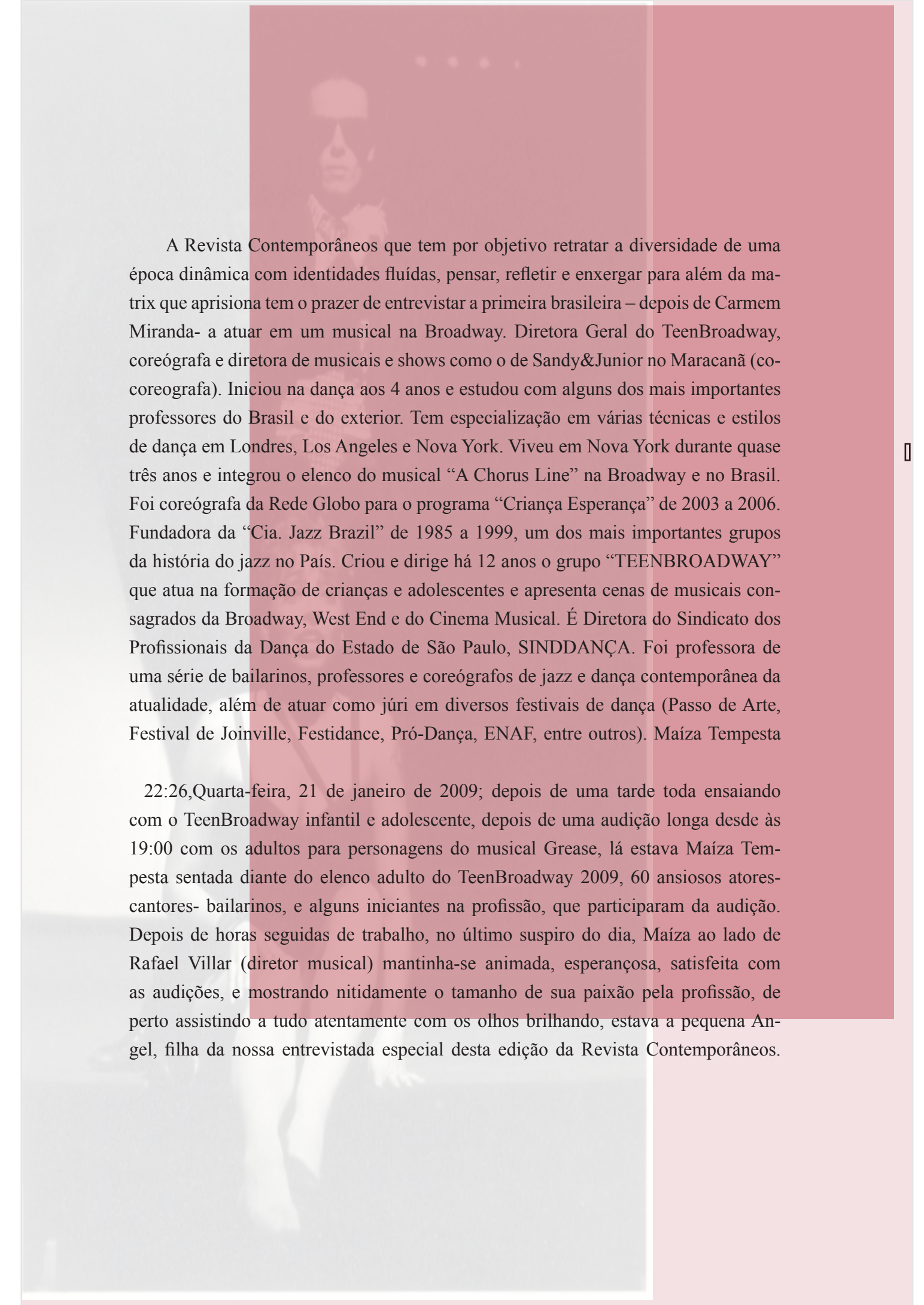


“Tudo, como eu disse, me interessa. Minha técnica de dança é um reflexo de tudo isso. Nós somos a junção de tudo que vivemos”

Maíza

Tempesta



A Revista Contemporâneos que tem por objetivo retratar a diversidade de uma época dinâmica com identidades fluídas, pensar, refletir e enxergar para além da matrix que aprisiona tem o prazer de entrevistar a primeira brasileira – depois de Carmem Miranda- a atuar em um musical na Broadway. Diretora Geral do TeenBroadway, coreógrafa e diretora de musicais e shows como o de Sandy&Junior no Maracanã (co-coreógrafa). Iniciou na dança aos 4 anos e estudou com alguns dos mais importantes professores do Brasil e do exterior. Tem especialização em várias técnicas e estilos de dança em Londres, Los Angeles e Nova York. Viveu em Nova York durante quase três anos e integrou o elenco do musical “A Chorus Line” na Broadway e no Brasil. Foi coreógrafa da Rede Globo para o programa “Criança Esperança” de 2003 a 2006. Fundadora da “Cia. Jazz Brazil” de 1985 a 1999, um dos mais importantes grupos da história do jazz no País. Criou e dirige há 12 anos o grupo “TEENBROADWAY” que atua na formação de crianças e adolescentes e apresenta cenas de musicais consagrados da Broadway, West End e do Cinema Musical. É Diretora do Sindicato dos Profissionais da Dança do Estado de São Paulo, SINDDANÇA. Foi professora de uma série de bailarinos, professores e coreógrafos de jazz e dança contemporânea da atualidade, além de atuar como júri em diversos festivais de dança (Passo de Arte, Festival de Joinville, Festidance, Pró-Dança, ENAF, entre outros). Maíza Tempesta

22:26,Quarta-feira, 21 de janeiro de 2009; depois de uma tarde toda ensaiando com o TeenBroadway infantil e adolescente, depois de uma audição longa desde às 19:00 com os adultos para personagens do musical Grease, lá estava Maíza Tempesta sentada diante do elenco adulto do TeenBroadway 2009, 60 ansiosos atores-cantores- bailarinos, e alguns iniciantes na profissão, que participaram da audição. Depois de horas seguidas de trabalho, no último suspiro do dia, Maíza ao lado de Rafael Villar (diretor musical) mantinha-se animada, esperançosa, satisfeita com as audições, e mostrando nitidamente o tamanho de sua paixão pela profissão, de perto assistindo a tudo atentamente com os olhos brilhando, estava a pequena Angel, filha da nossa entrevistada especial desta edição da Revista Contemporâneos.

Quem é Maíza Tempesta?

É uma pessoa que sempre foi apaixonada não só pela dança mas por tudo o que é ligado ao movimento, ao corpo. Sou faixa preta e campeã brasileira de Taing kong Do, fiz ginástica olímpica. Tudo o que é voltado ao movimento, me interessava e me interessa. A estética do movimento me fascina muito e tenho uma grande paixão pela música, que para mim é movimento puro. Gosto de incentivar as pessoas a se descobrirem como pessoas e não de impor movimentos a elas, pois quero que elas possam experimentar.



Levando em consideração o fato de que os profissionais da arte em sua maioria começaram a usar a arte escolhida como meio de expressão desde pequenos e/ou muitas vezes como um grande sonho dos pais, gostaríamos de saber como você começou a dançar, a cantar e a interpretar?

Comecei na dança aos 4 anos de idade e quando pequena fiz aulas de piano violão Fui me aperfeiçoando, buscando. Gosto de buscar, o tempo todo estou buscando, querendo saber as novidades, o que está acontecendo. Comecei a fazer ballet clássico em São Paulo, pela Escola Municipal de Bailados e completei toda a formação clássica. Depois fiz Jazz com Lennie Dale e fui sua assistente. Ele foi um grande mestre e foi ele quem realmente trouxe o Jazz para o Brasil. Já fiz aula com a Yoko Okada, do Ismael Guiser, com Ricardo O'Donis, Toshi Kobaiashi... Minha formação foi bem diversificada porque eu não fazia apenas um estilo de dança. Fui pra Nova York várias vezes, e fiz Dança Contemporânea, Dança Moderna de vários estilos. Busquei ainda a dança étnica, de Katherine Dunham. Tecnic, que aqui no Brasil chamamos de dança Afro. Tudo, como eu disse, me interessa. Minha técnica de dança é um reflexo de tudo isso. Tenho um estilo próprio de Jazz e sinto que as pessoas percebem isso. Nós somos a junção de tudo que vivemos.

Você sentiu a necessidade de sair do país e foi em busca de condições melhores de trabalho e aprimoramento das técnicas que já possuía, ou já foi com a possibilidade de trabalho certa? E quanto tempo ficou fora?

Na verdade eu fui buscar, pois aqui não tinha tudo o que eu queria. Primeiro fui para a Europa, fiz muitas aulas em Londres, em Paris, mas quando viajei pela primeira vez achava que Londres era tudo! Tinha curiosidade em saber como era lá, então fiz a Europa mais Nova York e percebi que meu pique, meu modo de vida tinha mais a ver com Nova York. A cidade tornou-se minha segunda pátria, minha segunda casa. Tinha 20 e poucos anos e fui realmente atrás do que estava acontecendo no mundo. Fui por 3 anos seguidos. Eu ia, ficava uns três meses e voltava. Depois fui e permaneci lá por mais tempo.

O que fez você voltar para o Brasil? É uma característica muito forte do professor querer transmitir a responsabilidade de retornar ao país de origem, como um ato de agradecimento da oportunidade de ter saído e depois entregar, dividir com o país.

Fui à Nova York para buscar muitas coisas. Aqui no Brasil eu tinha muitos alunos e já dava aulas de Jazz. Depois de muito tempo lá fora comecei a pensar “Onde eu sou mais necessária, aqui ou no Brasil?”.

Como havia todo esse público esperando, resolvi pegar o que eu aprendi e trazer para ensinar e dividir o meu conhecimento com todos lá. Acho que ninguém pode reter o conhecimento. Todo mundo vai adquirindo conhecimento e existe um momento onde você quer passar isso pra frente. Senti a necessidade de voltar e colocar em prática tudo que aprendi e sabia que aqui no Brasil tinham pouquíssimas pessoas com o conhecimento que eu adquiri.

O Teatro Musical é muito criticado por alguns, segundo argumentos que o colocam em posição de inferioridade diante das outras artes, julgando-o muito mais como produto da indústria cultural do entretenimento, subjugando seu papel de obra de arte. O que você acha sobre este tipo de crítica e o que você acha que leva a essa análise muitas vezes superficial dos musicais

Eu acho uma grande bobagem, afinal o sol nasceu para todos! Eu posso até não gostar de alguns tipos de dança, mas tudo tem o seu valor no seu lugar. Junto tudo porque acho que pertencço a essa arte em geral. Hoje em dia dizem que a Dança Moderna, com o pessoal “se matando” é o máximo. Mas se você faz uma dança estética, que é movimento e super bonito de se ver, sem que ninguém tenha que “se matar” e sofrer, então é um saco. Desculpe-me mas é a isso que os críticos de arte dão valor. As pessoas que ficam repetindo movimentos cotidianos no palco e dizem que isso é novo. Isso é velho! Faz mais de 20 anos que começaram a fazer essa dança contemporânea dessa forma. A dança está aqui e nasceu para o ser humano se expressar desde o começo dos tempos. É uma expressão, independente se é formal ou não. Então quer dizer que, se de repente quando o musical em questão não tem uma super proposta filosófica, ele não vale? Vale sim, porque o entretenimento é importante. Eu não preciso estar lá sofrendo e me acabando e o trabalho ser pesado para agregar um valor artístico. Acho que o palco está ali para refletir o que está acontecendo no mundo contemporâneo independente do que seja. E ainda dizem: “Ah, mas isso é muito simples”. Um exemplo é o musical “Hair Spray” que retrata os anos 60. Ele fala dos conflitos raciais de uma maneira bem leve e divertida com aquele contexto de concurso de dança, mas se você for olhar a fundo do que se trata perceberá que não é apenas isso. Eu uso muito isso como recurso nas minhas composições. Uso coisas divertidas, leves e de repente jogo um assunto muito sério para a platéia refletir. Acho que os críticos precisam repensar quando dizem que algo é superficial e sem valor.

O Ballet enquanto arte clássica e de repertório é muito criticado pelo uso de movimentos codificados, pela reprodução alienada de movimentos, pela rigidez em seu ensino, e até como um meio de podar a criatividade de seu intérprete. Gostaria de saber se você, como intérprete, diretora e adaptadora de grandes musicais, acha que por estar remontando, ou seja, ensinando repertórios aos bailarinos, cantores e atores, muitas vezes se encontra neste empasse em que muitos colocam o ballet.

Engraçado... Quer dizer que uma orquestra nunca vai tocar Bach ou Mozart e sempre vai ter que fazer improvisações? É meio ridículo isso. Eu falo da orquestra porque um Ballet Clássico de repertório é uma obra prima, como uma missa de Mozart, inclusive por que são coreografados ao som de grandes compositores da música, como Lago do Cisne ou Dom Quixote e acho que tem muito valor mantermos isso e passar para frente, uma vez que é nossa história, é a história da dança. Então a orquestra não vai tocar nunca mais nada do que foi criado anteriormente, por que não tem valor? Então porque é que o ballet clássico não tem valor? Nas grandes companhias como a Pina Baush, eles fazem aula de ballet clássico antes de fazerem o estilo de dança no qual se propõem, porque o clássico dá todo um refinamento muscular e de tendão, que outras técnicas não dão. Se olharmos o pessoal de dança moderna eles têm um físico todo trabalhado. Acho realmente que o clássico é muito importante. Já quem escolhe dançar Ballet Clássico como carreira é uma opção pessoal. Só não concordo em negar o Ballet Clássico para “endeusar” a Dança Contemporânea. Todo mundo tem direito de fazer o que quer. Acho o pessoal da Dança Contemporânea muito preconceituoso. Eles se dizem modernos e bacanas, e são muito preconceituosos com os outros, inclusive com o Jazz. Eles têm que respeitar os outros estilos, inclusive o Jazz que tem toda uma história e ainda é muito usado até hoje

Qual é seu musical favorito? Dentre aqueles que você participou qual teve a maior importância e qual você ainda gostaria de interpretar?

Tenho dois musicais favoritos e ambos são do Michael Bennett. Um deles é o “A Chorus Line” e não só porque eu o fiz, mas porque fala da realidade dos bailarinos de musicais, sobre a vida, os bastidores... Então é uma coisa que sempre me toca. Eu também já o dirigi para a prefeitura de Indaiatuba em 2002, com orquestra e tudo. O outro é o “Dream Girls” que tive a oportunidade de ver na Broadway, 3 meses depois que estreou. Acho lindo! Gosto muito dos musicais que falam do ser humano, que revelam nossa alma. Não sei se tem algum que eu gostaria de fazer pois estou a bastante tempo envolvida com a direção. Tenho vontade de fazer uma coisa ou outra, mas por pouco tempo, não de ir para o palco e entrar em temporada de quinta à domingo ou todos os dias. Mas como diretora gostaria de fazer “DreamGirls”. Em se tratando de personagens já participei do musical “Sweet Charity” como “Charity” e em 1998 eu fiz a produção inteira para a Cultura Inglesa. Mas atualmente não há nenhum musical que eu diria: “Ah, este é meu sonho!”.

Tive o imenso prazer de fazer parte do elenco de um espetáculo seu, o “Mais um Dia”, que tem uma temática atual, com plástica artística, sensibilidade, exuberância técnica, com trilha sonora belíssima, coreografia fascinante e com um fundo crítico-social direto e atuante. Gostaria de saber se você carrega consigo a pesada responsabilidade que os artistas recebem de, além de tudo, ainda ser um “corruptor da sociedade” como dizia Platão, por ter nas mãos o poder de criticar e alertar a população para as questões político-econômico-sociais.

Com certeza eu acho que o artista é, sempre foi, e sempre será um transformador da sociedade, um porta-voz. Eu faço outras coisas além do trabalho com repertório de musicais que acho importante as pessoas conhecerem, mas trabalho também em outros projetos como o musical que eu escrevi para adolescentes, o “De cima do Muro”, ainda não estreado. Faço toda uma crítica à sociedade, às relações familiares, à relação do adolescente com a sociedade e da sociedade para com o adolescente. Ainda estou esperando patrocínio e por isso as vezes tenho que dar uma parada no andamento da produção. Me sinto neste papel do artista de mostrar, questionar “O que vocês estão fazendo com isso?”, “Prestem a atenção em nossa sociedade!”, “O que está acontecendo agora?”.

Do que se trata seu musical “De cima do muro”, como foi o processo de criação, de escolha de elenco, composição musical?

Na verdade o “De cima do Muro”, começou de uma vivência que gerou uma idéia. Como eu trabalho muito com adolescentes e em função do Teen Broadway, que está fazendo 12 anos agora, sempre senti o adolescente como um desprotegido. A família diz “olha aí o aborrecente!” e eu odeio essa palavra. Ele se sente inadequado ao espaço, aos amigos, aos colegas e é muito difícil passar por essa transição. Então pensei: “Vou criar algo que fale sobre isso”. Me lembro também da minha adolescência, sobre como é complicado lidar com tudo que está a sua volta. Então comecei a escrever, juntei o elenco de alguns alunos que já estavam no Teen Broadway havia uns 4 anos e mais alguns que fiz uma audição. Fizemos laboratórios, fomos a um sítio, e começamos a conversar sobre alguns assuntos: eu ouvindo e pincelando algumas coisas que me interessavam e a partir daí as histórias foram se misturando “se escrevendo”. Foi um processo super bacana para todos nós e por eu estar fazendo várias coisas juntas, acabamos não estreando em 2004 como previsto. A dependência do patrocínio também dificultou. Quanto à música, um menino do elenco tinha uma banda com várias músicas já compostas. Chamei o Frederico Silveira que já foi protagonista de vários musicais em São Paulo como “O Fantasma da Ópera” e “The West Side Story” e ele foi o arranjador e criador das músicas, junto com o Beto Belinarde.

Outra responsabilidade pesada é a de ser professora. Como você encara este papel de artista-docente?

Sou formada em Letras e sou professora de inglês também. Gosto muito de dar aulas, de preparar as pessoas, de investigar, de plantar a semente. É uma grande responsabilidade pois a maioria dos alunos copia tudo que você faz, e você vira referência, assim tenho muito cuidado com o que faço e falo, para que eu possa preparar bem essas pessoas, não só como profissionais, mas como seres humanos, o que me deixa muito grata. Quero que eles sejam pessoas boas e ótimos profissionais, porque as vezes há ótimos profissionais que têm um péssimo caráter. Em geral trabalho com jovens adultos, que são jovens com a personalidade ainda em formação. Então não ensino apenas dança ou interpretação, mas me vejo guiando, tentando orientar o modo de agir em grupo. Se dar bem com todos à sua volta é uma coisa muito difícil. Incentivo muito o respeito pelo outro. Quando há uma disputa para um papel em uma dança, que seja uma disputa saudável. Não é uma utopia minha, isso realmente funciona. Tenho um carinho muito grande pelas pessoas e tento, além da arte, ensinar as pessoas a terem uma vida de respeito às individualidades e a tudo que está a sua volta.

Interessante você citar como base do seu trabalho a formação global do indivíduo, pois atualmente é muito discutido a arte-educação e um equívoco convencionado seria limitá-la na dança à prática de Laban ou Dança Contemporânea, de uma forma que me parece excluir o Ballet, o Jazz ou o Teatro Musical aos projetos e às periferias, como se estes estilos não contribuíssem para a formação do ser humano. Você concorda com isso?

Com certeza não. Faço um trabalho na periferia de São Paulo há cinco anos com a cultura Inglesa. Quando estive em Londres estudei no Instituto Laban, mas acredito que independente do estilo ou técnica, você tem que trabalhar a auto-estima do ser humano sendo através da Dança de Rua, do Laban, do Musical, etc. Acredito que tudo é uma questão de falar “Você pode, então vai atrás” pois estamos ali para apoiá-los. Fazia coreografias de Jazz, de Dança de Rua e percebi que isso elevava a auto-estima, apenas o simples fato de ensaiar, de subir ao palco e de ser aplaudido. Se ele vem de uma família que o poda ou limita sua auto-estima o projeto ajuda. Se essa pessoa vai procurar um emprego, por exemplo, ela já chega com auto-estima mais elevada. Com a Cultura Inglesa também implantamos Ballet Clássico na periferia e havia um desejo das crianças em aprendê-lo

Na pergunta acima citamos a Dança Contemporânea, gostaríamos de saber um pouco mais a sua opinião em relação à esse estilo de dança que atualmente possui muitos adeptos, e mesmo anos depois de sua criação, ainda se coloca como arte inovadora, e com um, talvez, certo ar de superioridade diante das Danças que acompanham outros movimentos artísticos históricos e que possuem outros ideais técnicos. Parece que a Dança Contemporânea tem caído num clichê, inclusive as aulas, que sempre apresentam “Queda e recuperação” e “Clochê”

A Dança contemporânea traz tudo muito introspectivo e acho que há um malentendido de Dança Contemporânea no Brasil. Dificilmente eles fazem algo leve, alegre. E ainda criticamos outros. Aos olhos deles não deve existir nada que tenha um movimento formal. Eles estão sempre querendo desconstruir. Não aguentam mais vergentese coçar e abrir a boca em cena.

Já percebi que você gosta muito de coreografar. Com todo esse trabalho no Teen Broadway, você tem tempo de coreografar? Existe alguma companhia ou escola de dança em que você coreografa?

Coreografo apenas à convite e faço para as companhias os mais diversos estilos de dança. Meu grupo já faz muito tempo que não trabalho apenas com dança, mas ainda coreografo bastante para várias companhias. Como o Cisne Negro.

Como é seu processo criativo da música para a coreografia, ou vice-versa, e do tema para a cena? O seu Jazz é dançado ao som de...?

Já fiz vários trabalhos onde a música trazia o tema. Já os trabalhos como o “Mais um Dia”, (remontado no Festival Passo de Arte em 2008) que eu abri o jornal e li sobre desapropriação de favelas feito de uma maneira muito brusca, fiquei incomodada com a notícia e procurei uma música que coubesse neste tema que eu queria desenvolver. Então a minha inspiração pode vir de qualquer lugar

Mas, no caso de “Mais um Dia” nas músicas do espetáculo haviam algumas apenas com parte instrumental sem vocal, onde ruídos presentes nestas músicas instrumentais diziam as ações dos personagens. Você mandou compor a música?

Não eu pesquisei a música, foi a pesquisa musical em cima da temática. Primeiro eu queria falar sobre a desapropriação das casas, mas o público percebe que o tema, o que eu queria dizer só aparece no fim, por que o que permanece na memória do público é a última cena. Digo sempre que a parte mais importante da coreografia é o final. Mas no enredo coloquei elementos cômicos, coloquei o dono da favela, sempre tem um que manda, coloquei uma cena romântica, e a música eu fui buscar.

Você foi a fundadora da Cia Jazz Brasil. Qual era a proposta da Cia e como era seu trabalho?

A proposta surgiu porque na época só se coreografava com músicas americanas e a música brasileira ficava lá no cantinho. Então a Jazz Brasil, como dizia o nome, só dançava com música brasileira, com temáticas universais, conflitos e alegrias. Usamos todo tipo de música brasileira. Eu pesquisava tudo o que era feito em música de norte a sul do Brasil. A companhia foi super importante na época porque eu fazia um jazz diferente e porque eu procuro a estética do movimento e do palco, usando todo o espaço cênico, saindo do clichê do movimento. Fiz uma companhia onde pesquisei sobre novos movimentos nos últimos anos. Entretanto, para manter a estrutura de uma companhia é muito difícil e na época eu fazia tudo.

O que é jazz?

O jazz não existe sem emoção e energia. A grande peculiaridade do jazz é que ele tem uma energia diferente de qualquer outra técnica, tem uma dinâmica de movimento mais forte. É uma junção de várias técnicas: muita coisa vem de Katherine Dunham, que antigamente era obrigatório na Broadway, além do Clássico e também uma junção de pessoas. Logo, temos muitos estilos de jazz e o meu jazz é uma junção de várias técnicas que aprendi. Aquilo com o qual eu mais me identifico eu coloco no que faço.

Você trabalhou com grandes nomes do Jazz nacional e internacional. Qual mais representativo no Jazz que você cria; recria?

Meu grande mestre foi Lennie Dale. Não coreografo o estilo dele pois já tenho o meu estilo. Mas ele me ensinou sobre como me expressar através do movimento e é isso o que eu julgo ser o mais importante: ensinar aos meus alunos a não apenas me copiar, pois o movimento deve vir de dentro para fora. Isso você tem que sentir, não adianta ficar só trabalhando a forma. Dale tinha essa energia, esse carisma quando dançava, não importava o que ele fizesse. Assim como Nureyev no ballet clássico, ele andava em cena e você boquiaberta falava: “Nossa!”. A pessoa tinha uma luz muito grande um carisma incrível e Lennie era essa pessoa. Ele foi meu mestre porque me ensinou a colocar essa energia interior no movimento e isso seria o mais importante para o bailarino: saber se expressar em qualquer movimentação que foi proposta para ele.

Qual sua visão sobre a banalização do Jazz e a perda de sua essência e história ao longo dos anos?

O problema surge quando o jazz vira “qualquer coisa”, quando perde a arte e se torna algo totalmente voltada para o público, aquela coisa “chapada” no palco. Você não vê o artista se expressando pois há um excesso de movimentos com pouco tempo de música. Por exemplo, em 8 tempos colocam 16 movimentos, um exagero! Perdeu-se a beleza e há muitos grupos demasiadamente clichês. Você assiste o grupo ano a ano e é a mesma coisa, sempre igual e não é uma questão de estilo, mas sim de falta de interesse em se recriar. Há coreógrafos que não se recriam que não buscam uma outra maneira de fazer aquilo. Mas há grupos excelentes, com dinâmica, técnica com verdadeiros artistas em cena e não bailarinos repetidores. Muito do jazz que eu vejo hoje me incomoda pois ficam apenas na forma, virados para o público, e não levam nada a platéia, não trazem nenhuma mensagem. Mesmo uma coreografia sem temática, com apenas o intuito de fazer algo puramente estético, quer criar um trabalho plástico, simplesmente como se fosse uma pintura um quadro, mas nem isso você vê. E isso é uma grande deficiência em Cursos de Composição Coreográfica, deveríamos ter mais cursos regulares de Composição Coreográfica e não apenas teórico, os coreógrafos de Jazz faltam saber como colocar uma coreografia no palco, como estudar a música, alguns colocam qualquer música e se trocá-la dá na mesma, a coreografia não respeita de maneira alguma a música, é uma opção não respeitar a música, mas aí você deve usar um contraponto da música, mas você não percebe que isso foi proposital, você não precisa ser escravo do compositor, deve ser proposital e não por falta de conhecimento seu, assim muitos que coreografam não entendem de composição musical, não sabem o que é uma frase musical um contraponto, então por isso que vemos muitas coreografias ruins em Jazz, porque as que são boas você observa que a pessoa entende de música, entende de palco, sabe colocar a coreografia em um palco. Muitas vezes uma coreografia que não sai do canto esquerdo do palco, o palco fica penso o tempo inteiro. Então essa falta de qualidade, é uma falta de estudo dos coreógrafos.

Você conhece profundamente o trabalho do coreógrafo e diretor norte-americano Bob Fosse, fale um pouco sobre o estilo, as diferenças do estilo Fosse para com os outros musicais, e por que muitas vezes há uma leitura errônea de seus mistérios e entrelinhas.

Acho lindo e interessantíssimo que o estilo do Bob Fosse surgiu por causa das deficiências físicas dele enquanto bailarino, era super em dedans, não tinha praticamente pescoço, para um bailarino que precisa Ter um pescoço longo, assim se você observar um filme de Bob Fosse enquanto ele dançava ele era ótimo dançando tudo, mas era um pouco estranho pois não tinha as linhas necessárias para aquilo que estava sendo dançado. Então ele criou um estilo baseado nas deficiências que ele acreditava Ter, assim as coreografias dele são com os pés voltados para dentro (em dedans) por que ele era assim, e com os ombros levantados por que o pescoço dele era curto. Isso que é bacana, ele utilizou aquilo que lhe faltava para criar um estilo, é um gênio, além dessas características corporais, ele também é super minimalista, as vezes um dedo dele diz tudo, e muitos pensam que em seu estilo é tudo pequenininho não tem uma perna alta, é uma tremenda falta de informação das pessoas, pois ele tem coreografias super movimentadas, por exemplo The Pijamas Game, as pessoas se prendem muito ao que está mais fácil e próximo, na internet por exemplo, mas ele tem coisas muito dançadas que exigem muita técnica, mas como isso se compara a outros coreógrafos o que fica mais visível nele é o minimalismo. Outro mal entendido do Fosse é dizer que ele é vulgar e ele nunca foi vulgar, e as pessoas muitas vezes utilizam a coreografia dele de forma vulgar e ele sempre foi muito sofisticado, com uma classe muito grande e eu diria que muita coisa que foi remontada até por discípulos dele faltam a energia dele, não são iguais aos montados por ele, não possuem a essência dele, e costumam dizer que ele era muito Brechtiniano, pois há sempre uma outra leitura, uma crítica, e isso que é importante de se perceber para quem coreografa ou remonta, não é apenas colocar os cotovelos para trás, uma luvinha branca, e balançar as mãos, inclusive várias coisas que ele usava como as mãos espalmadas os cotovelos puxados, não são elementos utilizados apenas pelo Fosse, Matt Mattox e outros contemporâneos dele também utilizavam esse tipo de desenho

Qual seu musical favorito do Fosse?

Gosto muito de Sweet Charity. E assisti duas vezes na Broadway um musical dele chamado Dancing que quase que não pode ser considerado musical, pois era dança o tempo todo e não tinha um fio condutor, e gosto muito do filme The Pajama Game, que aqui tem o nome de “Um Pijama para dois”.

Quais são seus planos para o futuro do TeenBroadway?

Quero estreiar e retomar o meu espetáculo brasileiro para adolescentes o “De Cima do Muro”, e continuar estimulando as pessoas a terem confiança a acreditar.

O Teen Broadway, an passado foicapada Folha Teen, com certeza um importante reconhecimento, como começou este projeto? Bom eu trabalhava com musicais desde 1998 e com adolescentes. Depois em 1991 comecei a fazer alguns trabalhos com a Cultura Inglesa com adultos, e conversando com a então diretora na época eu questionei por que nós não criarmos algo voltado para o adolescente dentro da Cultura Inglesa, pois observamos essa lacuna no mercado, por que eu sinto que o adolescente não tem o que assistir, não tem peça para adolescente é raríssimo, só tem para adulto e infantil, o adolescente fica abandonado, e pensei por que não criarmos um curso de musicais para essa faixa etária e fez sucesso logo de cara, e se chamava Teen Broadway West End referente ao West End de Londres, hoje o grupo da Cultura Inglesa ficou Teen West End privilegiando os musicais ingleses e fora desta escola de inglês, ficou Teen Broadway. Dentro da escola você aprende inglês fazendo musicais, assim todo ano em março começamos esse curso e nos apresentamos no começo de junho, e com o sucesso na Cultura Inglesa, os adultos começaram a perguntar e meus Teen cresceram por isso começamos este mesmo curso fora da Cultura Inglesa. Por enquanto ainda mantenho o nome pois meu trabalho é muito diferenciado do trabalho das outras escolas oferecem, sempre temos uma apresentação no final, assim há um objetivo, assim os alunos se dedicam mais. Então, já faz dois anos que estamos com os adultos e agora com as crianças também. Maturidade cênica, noção de espaço, limpeza de movimento, expressão corporal e vocal, são alguns dos elementos fundamentais para um bom intérprete, como consegue fazer com que muitos dos participantes do Teen assimilem tudo isso em poucas horas? Este é o meu segredo (risos). Acho que realmente conseguir tirar tudo isso que eu tiro deles, é devido a minha grande experiência, é do meu Know How, eu trabalho com grupos desde de 1986, desde a minha companhia de Dança, e eu aprendi como rapidamente fazer com que a pessoa me dê aquilo que eu quero, é um Dom, mas é bagagem também, olho uma cena e já sei o que está errado na hora, é a experiência que lhe dá isso, e eu falo “tenho meus métodos”, leio as pessoas, olho e já sei características da personalidade de todos, assim não uso a mesma técnica para todo o grupo, se um é mais tímido se é mais extrovertido, as pessoas de fora podem não perceber mas o atendimento é bem individualizado, se o aluno é mais travadinho, espero o tempo dele. Estou vendo cada um que está na sala. Essa percepção do ser humano eu estou vendo filmando tudo, eu nunca faço a pessoa, vejo o que ela pode me dar de melhor na hora. E eu tenho uma palavra chave que eu acho que conduz meu trabalho que é o entusiasmo, através do entusiasmo do elenco eu o entusiasmo para que ele produza da maneira que eu quero, então a pessoa estimulada e entusiasmada ela produz muito, eu nunca desmotivo ninguém, pelo contrário, motivo até o fim, se não dei o exato resultado eu mostro para a pessoa o quanto ela cresceu, mas o estímulo e o entusiasmo são as chaves. Gostaríamos que você desse uma dica para os futuros artistas, principalmente para os que buscam a carreira de intérpretes em Teatro Musical. A princípio eu diria que não adianta só Ter paixão pela coisa tem que Ter empenho e muito. É necessário Talento e transpiração. Determinação é mais que o talento, o aspirante deve saber o que a carreira proporciona, e ver a realidade muitas vezes instável da profissão, qualquer artista estará sempre saindo de um trabalho para outro. Alcançar estabilidade econômica é complicado. Muitas vezes você se deparará com o perfil do cara talentoso que não cabe para aquele papel. Só com muita paixão e esforço para se manter no mercado, é necessário correr atrás, estudar. E o musical além de tudo tem essa magia que pega, se você era só um bailarino você não se satisfaz mais só dançando, é bichinho do musical.



A Revista Contemporâneos agradece imensamente a atenção, disponibilidade e carinho com que Maiza Tempesta nos recebeu no Estúdio 10X21. Gostaríamos de parabenizá-la pelo espetáculo de encerramento do Curso de Férias de Janeiro do TeenBroadway, que aconteceu no Sábado 31 de janeiro na Sala Paulo Autran no Teatro Ítalo Brasileiro, e parabenizá-la pela profissional competente e apaixonada que é.

